

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 634

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
ARCINHO

O ALCAIDE DO CASTELO de FARIA

POR MARIA DINIZ MARTINS

GRANDE trôço de
besteiros
E de homens de
armas subia
Do monte a íngre-
me encosta;

E, consigo, conduzia
Nuno Gonçalves — Alcaide
Do Castelo de Faria.

Pedro Rodrigues Sarmento,
Da Galiza — Adiantado —
(Por piões e cavaleiros
De Castela acompanhado,
Atrás, o melhor da hoste,) Vitorioso seguia...
Do Castelo a tomar posse,
Que Nuno lhe prometia.
Já perto da barbacã,
Os besteiros das ameias,
Preparam-se p'ra arrojar

Seus virotes e quadrêlos;
(Ferve-lhe o sangue nas veias)
E o povo, inerte, a chorar...
No terreiro estava a vê-los!

P'ra junto da barbacã
Um arauto caminhou;
Fez-se um silêncio profundo...
E o arauto, então, bradou:

— «Moço Alcaide, moço Alcai-
de!» —

Sabes tu?!... Teu pai cativo,
Do nobre Pedro Sarmento,
Deseja falar contigo,
De fora do teu castelo!» —

Gonçalo Nunes responde:
— «Proteja a Virgem meu pai!...
Dizei-lhe já que eu o espero!...»
Saíu o velho guerreiro



De entre os rudes guardadores;
E ao filho falou assim,
Sem receio, nem temores:

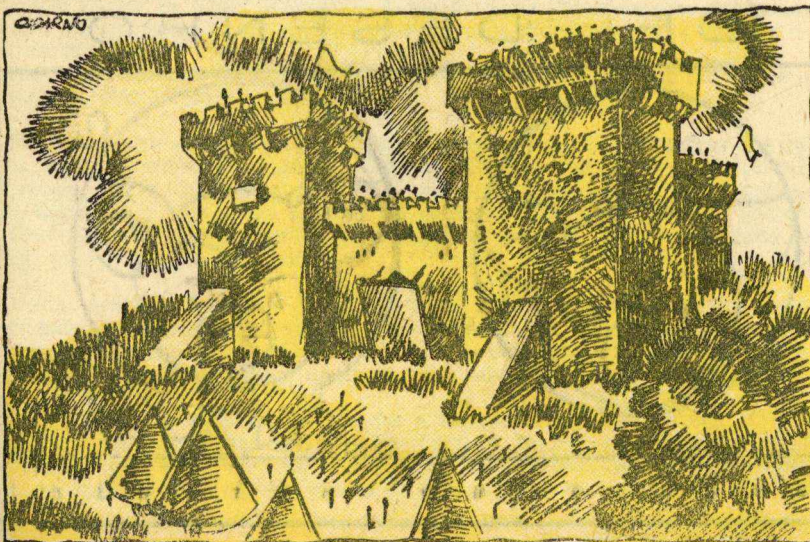
— «Sabes tu, Gonçalo Nunes,
De quem é êsse castelo,
Que à tua guarda entreguei?
É teu dever defendê-lo!» —

— «Sim, ó meu pai, bem o sei,
Prestaste aqui vassalagem...
Ao nosso Senhor e Rei.» —

— «Sabes tu, Gonçalo Nunes,
Que dum Alcaide o dever,
É o de nunca entregar
Seu castelo a inimigos...

Defendê-lo até morrer,
Embora em suas ruínas
Se tenha de sepultar...
Arrostar todos os perigos?!» —

— «Sei, ó meu pai! (diz-lhe baixo
A-fim-de não ser ouvido...)

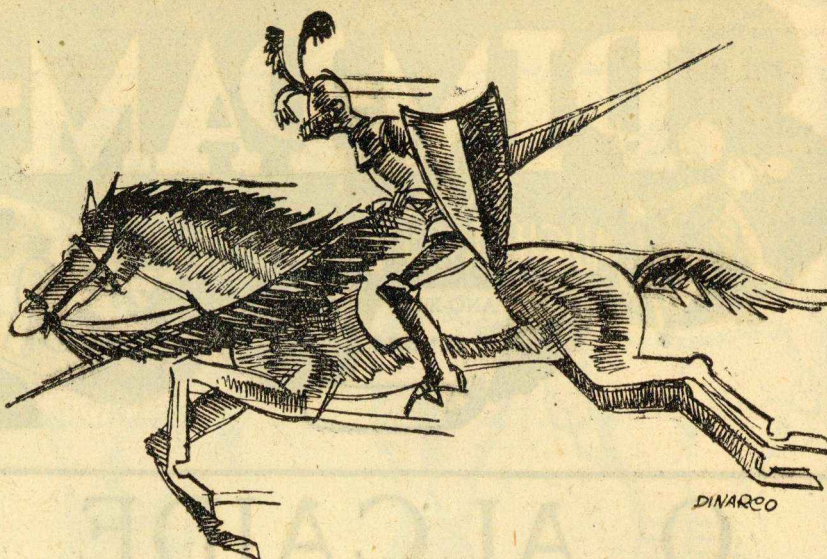


Vê que é certa a tua morte,
Se percebe o inimigo
Que me falas desta sorte!»

Como não tivesse ouvido,
Nuno Gonçalves clamou:
—«Cumpre, então, o teu dever!»
E alto, mais alto, bradou:
—«Nos infernos sepultado,
Como Judas, o traidor...
Tu sejas, então, alcaide!
Se algum dos que me hão cer-
cado,
(Sem pisar o teu cadáver),
Possa o castelo transpôr!»

—«Morra! (gritou o almocádem
Castelhano, irado) Morra
O que nos atraçouu!...»
No chão, de espadas varado,
Nuno Gonçalves tombou!

Acometeram, então,
O castelo, os castelhanos...
De cadáveres tismados



DINARCO

Deixaram juncado o chão,
De côlmos e muitos ramos
Que em cinzas foram tornados.

Pedro Rodrigues Sarmento
Já seu orgulho abatia!
Forçado, levanta o cerco,

Soprava o vento suão;
Ateando a rubra flama
de um colmeiro, rubro em cha-
ma,
Que um soldado de Sarmento,
Co'a ponta de longa chuça
Tinha atirado p'ra dentro.



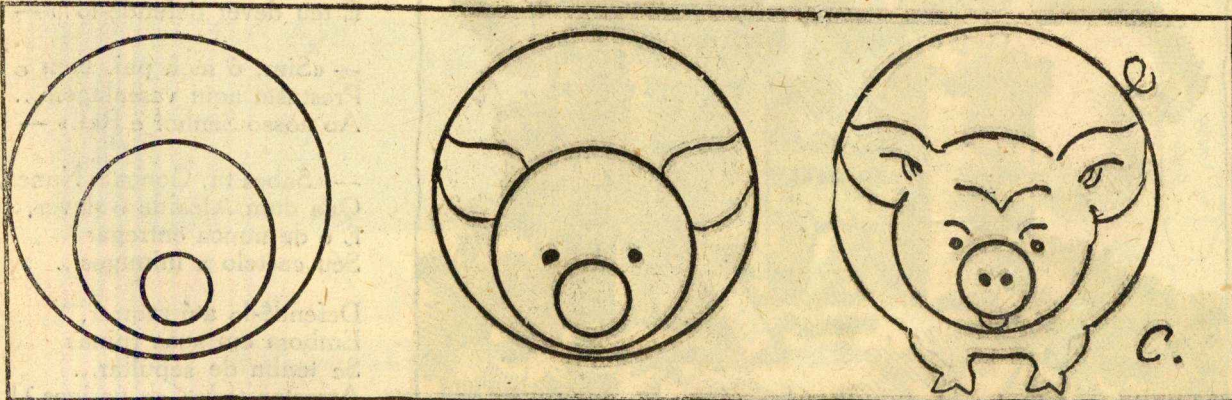
Mas Nunes não se esquecia
Da maldição de seu pai;
No meio dos matadores,
Moribundo, ainda ouvia
O seu grito de estertores...
—«Defende-te Alcaide!...» En-
tão,

Diante dos torvos muros
Do Castelo de Faria!...

Atira-se aos invasores
Com a fúria dum leão...
E, com bravura, defende
O portão que se não rende!

F I M

LIÇÃO DE DESENHO



C o m o s e d e s e n h a u m p o r q u i n h o

Lê, minha menina...



POR GRACIETTE BRANCO



ESTOU, positivamente, encantada com o êxito desta secção que, em boa hora, imaginei. Chovem as cartinhas, cartinhas simples, repassadas duma ingenuidade suave e clara, que encanta e comove.

Hoje, minhas queridas meninas portuguesas, virei falar-vos do arranjo da vossa maleta de estudo, dos cuidados a ter com os vossos livros e cadernos, da conservação dos vossos lápis, cânetas e borrachas.

Já repararam no espectáculo confrangedor duns livros com as folhas arrancadas; duns cadernos riscados, e sujos; dos lápis por aparar e ruídos na extremidades?

Além do desleixo imperdoável que representa êste espectáculo, já pensaram, também na despesa constante a que obrigam os vossos pais, que, algumas vezes, com bastantes sacrifícios lutam para que nada vos falte? Eu quero despertar as vossas consciências, bater à porta dos vossos corações, chamar-vos à realidade da vida.

Sêde poupadas, cuidadosas no arranjo e conservação dos objectos de estudo, meticulosas, conscientes. Assim, além da alegria que dareis a vossos pais, auxiliá-los-eis na sua espinhosa missão.

E a amiguinha Graciette, que tudo sabe e tudo adivinha, ficará infinitamente satisfeita com as queridas meninas portuguesas.

RESPOSTA AS CARTAS RECEBIDAS

Maria João d' Agonia Baltar. — Muito obrigada pela intenção da tua cartinha escrita em verso. Confessas que és rabina e traquina a valer... Ficaria preocupada se não me afirmasses que queres ser boa menina, estudar muito, aprender. Vai sempre escrevendo, e confessando os teus pecadinhos, com toda a sinceridade. Saudades.

Lídia Elvira Albuquerque Matos. — Oferece à tua Mãizinha uns sacos para guardar os guardanapos, que se usam bastante e são muito higiénicos. Vou pedir à Abelha Mestra uns desenhos simples, para êsse fim. Beijinhos.

Maria Cristina. — Estou muito contente contigo, por seres cumpridora dos teus deveres.

As vezes, vai uma mentirazita, por brincadeira?!... Isso é que não é bonito. Podes começar a brincar, habituares-te e acabares por mentir a sério.

Não, Maria Cristina. Há tanta brincadeira interessante que podes, muito bem, abolir essa do teu programa diário. Prometes?

Maria Carlos de Sousa Delgado. — A tua cartinha enterneceu-me profundamente. Vejo que és muito boa menina, possuidora da maior riqueza do Mundo: — bons sentimentos.

Acredita que nunca me aborreço com as tuas cartas. Peço-te que me envies a tua morada. Não te esqueças. Beijinhos.

Flôr campestre. — Achei graça ao teu postal e agradeço-te as palavras que me envias. Então és chorona e curiosa? Não serás também um pouquinho tolita? Pelo retrato que me fazes da tua pessoa, vejo que deves ser uma bonita rapariga. Sendo assim, deves ter muito cuidado em conservar essa beleza, que só poderá ser absolutamente perfeita sendo tu modesta e recatada. Envio-te saudades e peço-te que vás sempre escrevendo.

Maria Arminda Abrantes Gomes. — Gostei muito da tua cartinha, pela sinceridade das declarações que me fazes, acerca da tua maneira de ver. Estou muito contente por seres sincera e teres a consciência dos teus defeitos, o que já é um grande passo para te corrigires, atingindo assim a desejada perfeição.

Já disse, outro dia, nesta secção, que a mentira é um feio pecado.

Deves resistir a êle, vencendo o perigoso defeito. De hoje para o futuro tenho a certeza de que, antes da feia, mentira sair da tua boca, pensarás em mim, verás, de longe, os meus olhos pregados em ti e na tua consciência, e a vergonha

CELEBRIDADE

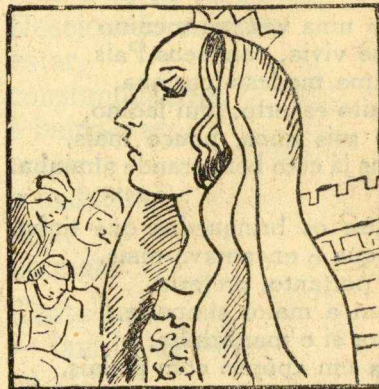
POR FRANCISCO VENTURA

Para ter celebridade
Não é preciso tentar
Praticar feitos heróicos
Que façam maravilhar.

Não é preciso ir a guerras,
Nem a viagens pasmosas.
As vezes, basta bem pouco
Para acções das mais gloriosas.

No nosso doce país
Houve, um dia, uma senhora,
Linda como os lindos anjos
E, como êles, sedutora,

Que ganhou tão grande fama,
Quási que sem dar por tal,
A qual inda hoje é falada
Nas terras de Portugal.



E sabeis porquê? Sòmente
Porque no seu peito havia
O mais belo e doce amor
Por todo o ser que existia.

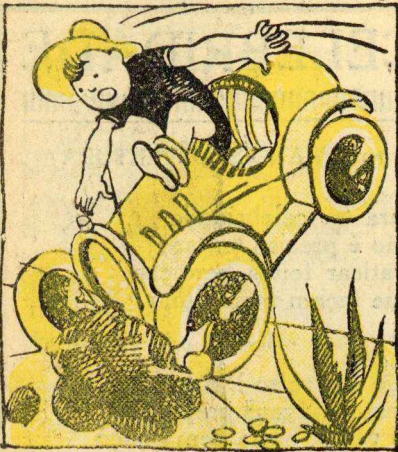
Porque se chegava aos pobres,
Que tinham penas e dores,
Enchendo os seus frios lares
De sorrisos, pão e flores.

Porque, nela, os orfãozinhos
Encontravam doce mãe.
Porque, por todos os lados,
Espalhava, a flux, o bem.

Porque as dores mais terríveis
Conseguia mitigar.

(Continua na página 6)

(Continua na página 63)



BOA ACÇÃO

POR MANUEL COLARES PINTO

Prestai todos atenção
Ao que vou aqui contar;
Tem um fundo de moral
E é uma bela lição
Que vos deve aproveitar.

Era uma vez um menino
Que vivia, com seus Pais,
Numa modesta casinha,
Muito esperto, mui ladino,
De seis anos, pouco mais,
Mas já com bem grande alminha.

Entre os brinquedos que tinha,
O que o encantava mais,
E, portanto, preferia,
Com a maior simpatia,
Para si e manazinha,
Era um «pópó» com pedais.

Convidava a miudagem
A passear de «pópó»
Durante o dia inteirinho.
Tinha uma linda garagem
Onde o limpava do pó,
Com destreza e com carinho.

Um dia, numa corrida,
Foi esbarrar num calhau,
Sem o poder evitar:
Viu uma roda partida
E o seu volante num «vau»...
Não mais o pôde guiar.

À noitinha, o pai lhe disse:
—«Eu preciso de saber,
Qual foi o teu companheiro
Que fez esta garotice,
Pois que não quero mais ver
Esse grande «galdineiro»!»

O SONHO

POR CARLOS AMOR

CHOVIA torrencialmente.
O céu, pardacento,
prometia mau tempo
para todo o dia.
Luísito, sentado à
mesa do seu quarto
branquinho, folheava,
ao acaso, um livro. De
súbito, num repelão, arremessou-o fora,
exclamando:

—«Bah!... Que coisa tão estúpida!»
Aquêle dia tinha sido destinado
para ir ao cinema e, logo, a malvada
da chuva o obrigava a ficar em casa.
«Dizem-me que leia, que leia, mas não
vêem que não há nada que chegue ao
cinema. Os livros são um enfado!»

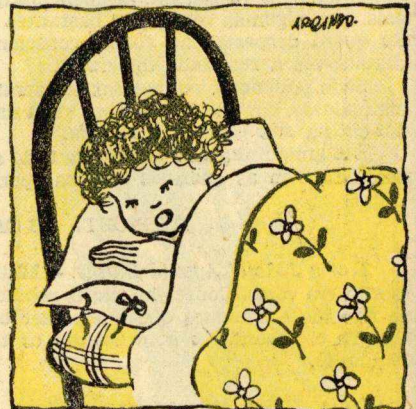
A' noite, quando se deitou, ainda
olhou para a janela, onde gotinhas de
água escorregavam pelas vidraças, tal
como as lágrimas que, teimosas, lhe
havam rolado pelo rosto. Adormeceu.
Então, deparou-se-lhe o escritório do
papá. A estante, velhinha, com voz
entramelada pela idade, pôs-se a
dizer:

—«O' Luiz, repara bem
no que te vou demonstrar,
verás que, como a ninguém,
dos livros hás-de de gostar.»

As portas da estante abriram-se.
Como soldados disciplinados, os livros
saíram das prateleiras e foram-se for-
mar na secretária. Um dos livros
abriu-se e dêle saiu um moleiro e um

gato com botas; depois, de entre as
fôlhas de um outro, surgiu um galo
vaído, um gato medroso, um cão
dorminhoco e um burro mandrião.
Um livro mais se abriu, outro e
ainda outro. De todos êles saíam fi-
gurinhas, que Luiz ia reconhecendo,
pois que já as vira em cinema. Então,
a estante tornou:

«As pequenas maravilhas,
que tu tanto apreciaste,
quasi tôdas elas filhas
dos livros que mal julgaste,
provaram-te o seu valôr.
Medita no que eu te digo:
Um livro de bom teor
é o nosso melhor amigo.»



Entretanto, a manhã ia nascendo
radiosa.

Um rãio de sol despertou o Luiz. Os
seus olhos, ao acordar, deram com o
livro amarfanhado, que jazia a um
canto do quarto. Levantou-se, lesto,
pegou no livro que compôs e beijou,
colocando-o, em seguida, docemente,
sobre a mesa do seu quarto bran-
quinho.



—«Paizinho — diz o petiz —
Não fale dessa maneira.
Não acuse um inocente.
Essa manobra infeliz
Que redundou em asneira
Foi feita por mim sòmente!»

Meninos de Portugal:
Atendei ao que vos digo,
Com tôda a sinceridade:
É de pura e sã moral,
Ser leal e ser amigo
De dizer sempre a verdade.

AS DUAS PORTAS

Por CESAR AMANDIO MADEIRA

NUM bairro, habitado quasi exclusivamente por familias distintas, erguiam-se duas lindas casas que dir-se-lam gémeas, pois eram em tudo absolutamente iguais. Durante muito tempo, aquelas duas casas, cujas janelas estavam quasi sempre fechadas,



viram passar os anos, sentindo-lhes os efeitos. Ao verão sucedia-se o inverno. E quantos invernos passaram sobre aquêles telhados? Não sei. De vez em quando, o batente soava sonoramente, ora numa ora noutra, e a porta abria-se para das passágem ao visitante.

Uma vez, notei que, em uma delas, se procedia a uma reparação. Em certo dia, uma das portas apareceu côr de tijolo, ou melhor, da côr daquêles queijos, untados de azeite e colorau, que os meninos já devem ter visto nas mercearias. Ansiosamente esperei que lhe dessem uma côr definitiva. Foi com espanto que vi passarem-se os dias e nada de continuarem o trabalho. Tôdas as manhãs, ao acordar, olhava para

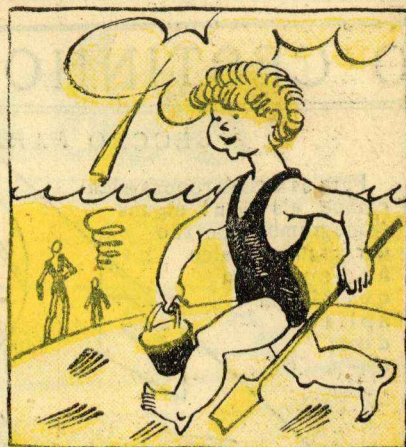
a porta fronteira, esperando ver o artista cobri-la de uma côr mais suave e distinta, como pedia o aspecto elegante e vetusto do prédio em questão. Aquela porta tornou-se o meu pesadelo. Estava eu quasi como aquêlê hóspede de um hotel, que se habituara a ouvir o vizinho de cima atirar com as botas ao chão, quando se deitava e que, enquanto não ouvisse a segunda tombar, não podia dormir. Fiquei, então, convencido de que ficaria assim.

— Que horror! disse, indignado, para com os meus botões. Aquela porta estava ali destoando das demais, gritando, com a sua côr espalhafatosa, o mau gosto do seu proprietário, enquanto a sua irmã gémea, se apagava envergonhada junto dela, atestando a sua distinção e bom gosto, tal qual uma senhora distinta junto de uma salaia arrebiçada, em dia de festa.

Soube-o depois; aquela casa pertencia agora a um homem sem cultura, quasi sem instrução, que enriquecera a vender peixe. Assim, aquelas duas portas simbolisavam a cultura e a ignorância.

Os meninos, bem educados e instruidos, fazem sempre boa figura, ainda que estejam calados, pela sua apresentação, pelos seus gestos, pelo seu aspecto. O contrário sucede com os meninos mal educados que, só com a sua presença, mostram a ausência de educação e cultura.

Estudai, pois, pequeninos! Instruí-vos, porque só pela vossa educação e cultura vos imporeis à admiração e simpatia dos outros.



UM BONECO NA PRAIA

Por MARIA da CONCEIÇÃO CORDEIRO LOURINHO

Em Agosto,
«Bébé» foi para a Figueira;
e em alegre brincadeira
todo o verão ali ficou;
Desejou do coração
estar,
constantemente,
à beira-mar,
a vêr
o ondulante
arfar
do mar.

Castelos
— tam belos —
na areia
construiu...

Viu
a «Belzinha»,
sua «manazinha»,
janotinha
com seu maillot
banhar
o corpinho
bem feitinho...
«Bébé» jogou
ao «ring»
com a boneca,
de negritos
olhitos,
da menina
Zéca.

(Continua na página 6)

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR

Para as vossas roupas e lençinhos, eis aqui alguns monogramas que vão dar grande realce às peças em que forem aplicados.

ABELHA

MESTRA

pres-tando-lhes, assim, uma nota muito pessoal.

Bordados em branco ou em côr, ficarão sempre bonitos.

Se alguma de vocês quiser o

seu monograma, manda-me pedir, pois, com o maior prazer, atenderá esse desejo a vossa muito amiga.

ABELHA MESTRA

LÊ, MINHA MENINA — (Continuado da página 3)

dominará esse horrível defeito. Dize-me que assim será, para teres em mim uma amiga leal e dedicada. Saudades.

Maria Eduarda Teixeira de Almeida. — Gostei da tua carta que contém a promessa de nunca mais mentires.

Assim é que eu gosto. Já foste má, mas agora já és boa? Então, vê lá, não tenhas saudades do passado...

Sê sempre boazinha e aplicada. Sobre o Concurso «Encontrai rimas e fixai conceitos» deves ir colecionando os versos e os desenhos numa caderneta feita por ti própria e enviá-la-ás, no fim do concurso, à redacção do «Pim-Pam-Pum». Um abraço apertado.

Maria Luette Torres Peres. — Tratas-me por menina... Que engraçada!... Olha que já tenho um filho com oito anos, luzito da Mocidade Portuguesa...

Agora, vamos ao assunto principal: estou muito preocupada contigo, por me dices que és mandriona e mal educada. Parece impossível. Uma menina com 13 anos de idade!

Pego-te que venças, a todo o custo, tão graves defeitos. Aproveita as horas, ocupando-te em trabalhos manuais e caseiros e faze-te bem educada, moderada nas expressões e nas atitudes. É um pedido que te faço, de todo o coração. Ocupo-me tanto de vocês todas, queridas meninas portuguesas, que bem mereço ser atendida nos meus pedidos.

Agora, deixo passar uma semana, ficando à espera que te modifiques.

Finda ela, escreverei a tua mãe, para que ela, me informe da tua maneira de proceder.

Tomei nota da tua morada.

Carmelita Ferreira de Menezes — Figueira da Foz. — Propositadamente deixei para o fim a resposta à tua cartinha.

Não imaginas a graça, que achei a tudo quanto me dizes!...

Então a menina Carmelita é muito toleirona, leva a vida ao espelho, enche de caracois a cabeça!... Mas em que jornal de modas descobriste tu semelhante penteadinho para uma menina da tua idade? Bem diz a tua mãe... A tua cabeça parece a cauda duma vaca...

Partei-me de rir. Mas, agora, pronto. Já não ri mais e venho pedir-te que te deixes dessas fantasias, senão, qualquer dia, chamam-te a Maluquinha da Rua da Bica...

Não sejas, também, gulosa porque podes apanhar uma indigestão e estragar os dentes.

Muitos beijinhos.

Enviem mais cartas.

Vossa amiga do coração

GRACIETTE

UM BONECO NA PRAIA (Continuado da página 5)

«Bébé» quiz tomar banho...

Mas, infeliz,

«Bel» lhe diz:

— «Se vais nadar, boneco de encantar, perdes a tua côr; tuas mãos

marotas,

garotas,

como flores

encarnadas,

já estragadas,

ficarão

desbotadas!

— Ai que dó do coração! —

«Bébé» chorou

lágrimas

de papelão;

mas pensou

e concordou

que «Bel»

tinha razão.

*

E à beira-mar,

já alegre outra vez,

nunca mais fez

«beichinho»,

ao ver

a «Belzinha»

janotinha,

com seu *maillot*,

banhar o corpinho

bem feitinho

e andar

a brincar

no mar!

CELEBRIDADE (Continuado da página 3)

Porque até guerras ferozes
Pôde, sorrindo, evitar.

Esta Senhora bondosa,
Que hoje todo o mundo espanta,
Chamou-se D. Isabel
E foi a Rainha Santa.

Já vedes que, para ter
A maior celebridade,
Basta, apenas, possuir
Amor, doçura e bondade.

Basta transformar a vida
Num paraíso ridente,
Tendo no peito êste lema:
— «Fazer bem a toda a gente.»

Curiosidades

COMO SE FAZ UMA PISTOLA

ESTA pistola, cuja execução parece, à primeira vista, oferecer certas dificuldades, é muito fácil de fazer, como verão. Na coronha, é que talvez os nossos amiguinhos se atrapalhem um pouco... mas os manos mais velhos ou os papás, cheios de boa vontade, não deixarão de auxiliá-los; portanto... mãos à obra!

Materiais necessários:

Um tubo de cana, fig.1.

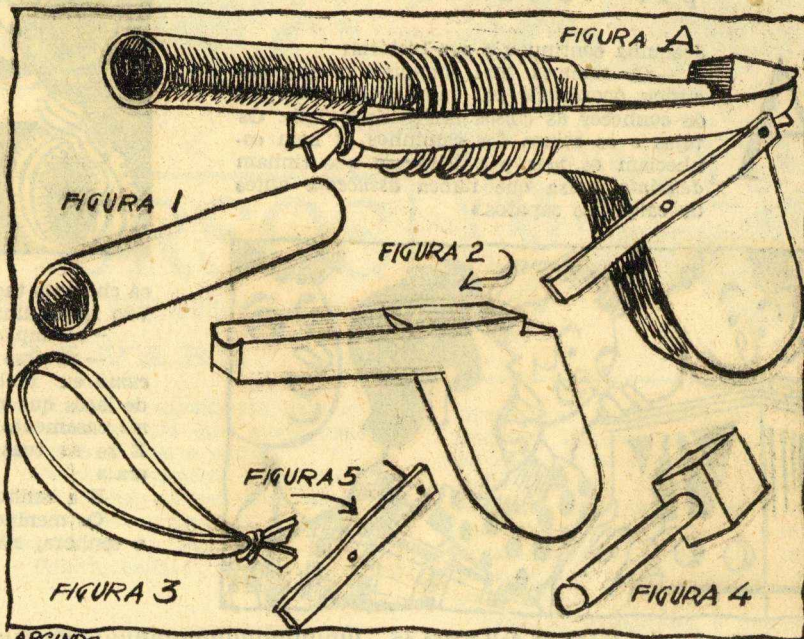
Um pedaço de madeira, da qual se fará a coronha, fig. 2.

Um elástico com as pontas atadas, formando arco, fig. 3.

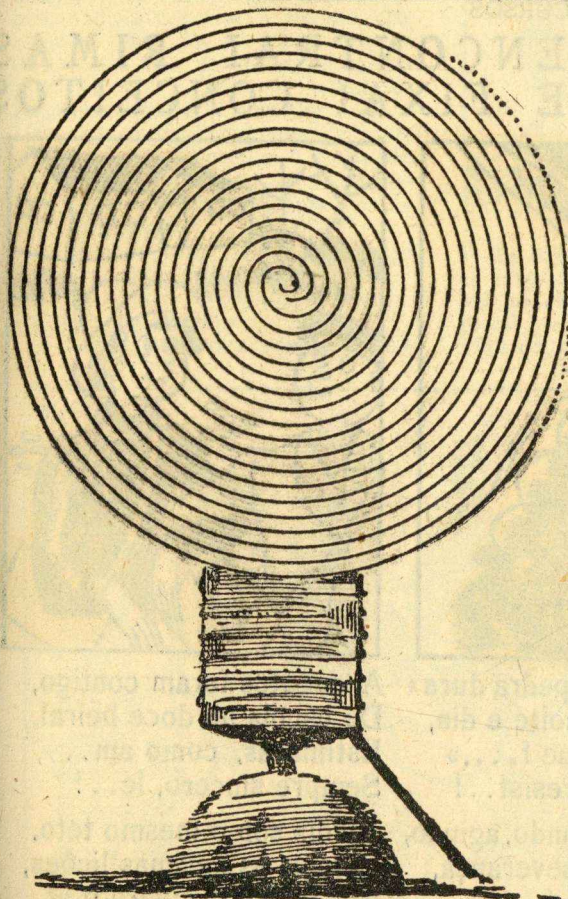
Um pedacinho de madeira, cortado como mostra a fig. 4, e um bocadinho de cana com um prego na ponta, que é o gatilho da nossa pistola, fig. 5.

Cordel, e projecteis que podem ser pauzinhos de fósforos, bocados de madeira etc...

Olhando, com atenção, para a figura A, os nossos amiguinhos nem preci-



ARCINDO



O MOINHO QUE GIRA

Meus meninos, se querem ver este moinho a girar, fixem o centro da circunferência, imprimindo com a mão direita, um ligeiro movimento de rotação, à gravura.

FAÇANHA GARANTIDA

Esta é a manha do prestidigitador da qual se não pode deixar de sair bem. Colocamos sobre uma mesa três chapéus e, debaixo de cada um deles, um pedaço de pão. Vamos levantando os chapéus e comendo o pão que está debaixo, espalhafatosamente, de modo que se veja bem que comemos o pão todo, e exclamamos: «Bem; agora, apesar de todos nos terem claramente visto comer o pão, digam-nos debaixo de qual dos chapéus queriam que ele estivesse e cumprir-se há o vosso desejo.»

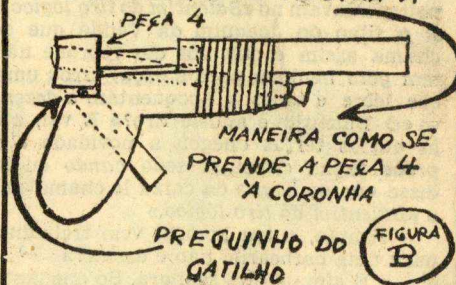
Alguém responde, indicando qual o chapéu. E nós pegamos no chapéu escolhido e colocamo-lo na cabeça.

sam quaisquer explicações para construir esta pistola.

No entanto, para desfazer alguma dúvida, recomendo:

Em primeiro lugar, depois de todas as peças talhadas, devem atar com corda, bem apertado, o cano à coronha, mas, afim de que aquele ajuste bem é conveniente fazer na peça 2 uma cavado (observem o desenho). Depois, colocam no seu lugar o gatilho, pregando-o de tal maneira que o preguinho

ESTE ESQUEMA MOSTRA A



coincida com a parte mais baixa da coronha. (No esquema, vê-se bem como é). A seguir metem a peça 4 no seu lugar, e o elástico como a figura A ou B indicam.

Pronto! Toca a carregar a arma. Para isso, puxam a peça 4, esticando o elástico, e prendem-na no rebordo da coronha (fig. B), de forma que o preguinho do gatilho fique por baixo dela; colocam no cano um projectil puxam o gatilho, e... vamos lá a um concurso de tiro ao alvo!

A JOAQUINA BISPO e o CAMPIONATO DAS LIGAS

por ISOLDINA

Joaquina continuou a sua história:

A — «A senhora mal *mangina* o que me custou *acostumar* na minha terra, depois de conhecer as coisas lindas da *cedade*. Os *tójos* e os seixos dos caminhos já nem conheciam os *mês* pés. *Picavam* que tinham *demônto*, coisa que nunca *assucedía* antes de calçar os sapatos.»



cá chamam *taça*. E agora de que se haviam de *alembrear*? Vão fazer uma coisa que chamam de *camponato*...

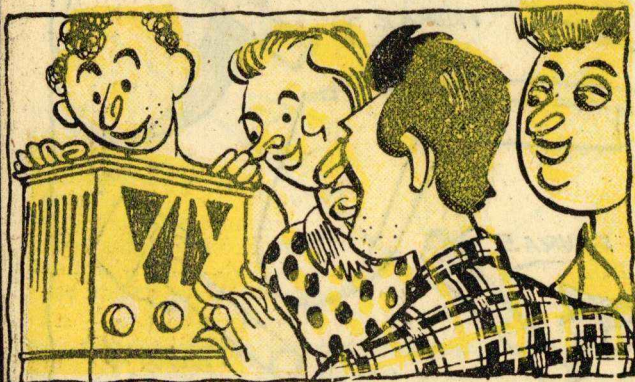
— «*Campionato*?»

— «É isso mesmo; mas *êste* é das *ligas*. Vai daí, *cumo* eu tenho umas, *côr* de rosa, bem lindas, *chêas* de laços que me deu a senhora do brasileiro, no dia do *mê* casamento, o *mê* Manuel disse assim: — «Ó *Jóquina*! E se as tuas *ligas* ganhassem o *prêmio*? Isso é que *era*!»

E a senhora que diz?

Os meninos fazem *idea* do que lhe poderá ter dito a senhora, não é verdade?

Fim do 2.º episódio



— «E já não tens medo da caixa dos *es-
píritos*?»

— «Tive!... Agora, na minha terra já há disso. Em casa do brasileiro que lá está, há um que, por sinal, se chama *Felipe*, e ele me explicou que é uma coisa que uns *homes* *maginaram*, *cum* a força da *inlectrecidade* e vêm as vozes por uns fios *munto* fininhos p'ráquela caixa e nós ouvimos o que se passa por o mundo inteiro:

Inda *num* percebi lá *munto* bem; mas logo que *num* são *espiritos* maus nem nenhum *Brazabum* que lá está dentro, já *num* tenho medo.

Até me fartava de rir quando *tôdas* as noites falavam no «*Balentim do tiro lógico*.» É o filho do Joaquim da Venda que se chama assim e que um dia (porque não *tem* *gêto* nenhum para a caça) errou uma boa lebre e todos o apoquentam a *dezer*: — «Ó *Balentim* e aquele tiro?» E vai, até às outras terras chegou a novidade e o *prôbe* rapaz danou-se todo *cando* eu le disse que os *homes* da caixa le chamavam o «*Balentim do tiro lógico*.»

— «Então, o teu homem vem trabalhar para uma *barbearia*, não é assim?»

— «É sim, minha senhora. Só enquanto *num* põe uma daquelas casas, das melhores, onde as grandes senhoras se vão fazer novas, se vão pintar e frisar as *gadelhas*. Assim tem *arranjado* dinheiro *munto* boa gente. E a senhora que diz?»

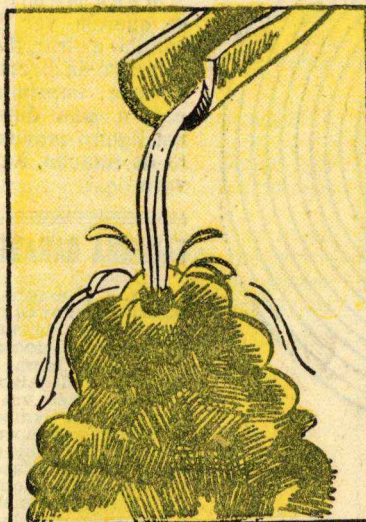
— «Eu digo que sim; pode muito bem ser...»

— «Ai que já *m'ia* a esquecer! É pr'a pedir um conselho à senhora. A gente, *cumo* é de fóra, *num* sabe bem de certas coisas. O caso que é que o *mê* Manuel leu lá uma coisa no jornal e vai... diz-me assim: — «Ó *Jóquina*, isto aqui na *cedade* *intê* faz *gôsto*!»

Andam, agora, umas coisas que, no *jôgo* da bola, quem ganha fica *cuma* jarra que

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAÍ RIMAS E FIXAÍ CONCEITOS



«*Água mole em pedra dura*»
Pingue, pingue, noite e dia,
«*Tanto dá, até que f...*»
Quem tanto lhe resist...!

Quem vai trabalhando, agindo,
Sempre com perseverança,
Diz *êste* conceito l....,
Finalmente sempre alc....!



A quantos foram contigo,
Da escola ao doce beiral,
Estimarás, como am...,
Sempre sincero, le...!
Viveis sob o mesmo teto,
Passais as mesmas lições,
Por isso que medre o af....
Dentro em vossos coraç...!